

## RARO PRIVILÉGIO: HOMENAGEM A SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Heloísa Liberalli BELLOTTO

Os que tiveram o raro privilégio de ser alunos de Sérgio Buarque de Holanda - e não foram muitos, dado o tempo relativamente curto em que ele atuou na Universidade de São Paulo - têm, em geral, uma forma mais ou menos uniforme de o evocar, recordando suas quatro facetas, ou, pelo menos, alguma delas.

Em primeiro lugar, o professor, que se nos apresentava, em sala de aula, de feito completamente *sui generis*, quando comparado com nossos demais professores (sem desmerecimento algum), relativamente: a forma de transmitir o conhecimento (a anti-didática ou a suprema didática?); a postura física, sentado, mas irrequieto, e fumando desbragadamente...; ao olhar (ai! o olhar...) que, de muito fixo em nós, ia se enviesando e (já o pressentíamos e tentávamos ir junto...), transpunha, em muito e muito, as janelas da Maria Antônia, amarelas de sol poente (eu era do curso diurno, as aulas começavam às 14 horas, mas ele estava sempre mais ou menos atrasado e suas aulas não tinham hora para acabar...e, mais a mais, nem o desejávamos...). Dali se perdia no mundo. O mundo presente, o mundo passado, o mundo futuro, outra vez o passado, o futuro, o presente, o futuro, o passado, o passado, outra vez e outra vez... sem cronologia nem espaços nem limites. Na abordagem do que quer que fosse, em matéria de Brasil português ou períodos regencial ou imperial da nossa história, naquela apenas aparente confusão, apresentava sempre coerência, perspicácia, entendimento e compreensão de tal ordem que jamais ele se perdeu ou se atropelou... E, pobres (ou ricos?) de nós, extasiados, tentando acompanhar o olhar distante, sem deixarmos de nos deter nas palavras (estas, sim, ficavam na vasta sala, felizmente não se iam

com o olhar) e, por meio delas, voar junto do vai-e-vem interminável de seu raciocínio mais-que-brilhante!

Em segundo lugar, o intelectual boêmio e polêmico fora dos muros da academia, de quem nos chegava o eco até aos corredores da Maria Antônia, das noitadas com Vinicius de Moraes e outros artistas e do fato de já ser, nesta altura, na segunda metade dos anos 50 do século XX, “o pai do Chico”. Chico, que na missa de sétimo dia do pai, nos dominicanos das Perdizes, cantava embargado o *que será, que será*, sua composição preferida por Sérgio, em inesquecível clima emocionado, vivido por todos os presentes, a maioria, ex-alunos do saudoso mestre.

Em terceiro lugar, ainda, o permanente polemizador, por via oral e/ou por escrito, com políticos, escritores, historiadores. Líamos ou nos contavam seus teimosos debates, cujo desfecho, muitas vezes era bem humorado, outras vezes, nem tanto. Entretanto, sempre sem medo, sem covardias, sem esconderijos, sem bravatas, sem quixotismos. Só autenticidade e muito, muito saber.

Em quarto lugar, o seu lado, certamente, mais notável, duradouro e, o mais impressionante para todos nós, o do historiador. Tinha - e tem - a ver com toda sua sapiência e conhecimento, presentes nas aulas, mas, postos no escrito, surgem de modo mais sólido e consistente: perfeito estilo e perfeita coerência no uso da língua portuguesa. Como poucos. Os alunos, chegamos aos poucos, à sua escrita. As leituras de textos de seminários, artigos, capítulos, livros, conferências, arguições de teses foram se adensando, pouco a pouco, até termos em mente a “sua” visão da formação do Brasil : o homem, a paisagem e a construção da América portuguesa... a época da regência construindo politicamente o estado e a nação... as tropas e as monções surgindo da obscuridade do desconhecimento para o brilhante esclarecer que eram, no desenvolvimento do Brasil, ações com grandes efeitos, antes insuspeitados. Uma outra nova maneira de sentir o pulsar da nossa história.

Nas exaustivas pesquisas, no Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal, que me levaram ao doutoramento, sobre o governo do Morgado de Mateus em São Paulo, analisando toda a saga do Iguatemi, não raras vezes fazia-me presente, vivamente, o quadro que Sérgio nos pintava,

com realismo impressionante, no curso de especialização sobre as monções, todo aquela inimaginável epopéia do caminho de Porto Feliz a Cuiabá, em grande parte repetida pelos soldados do sonho visionário daquele dinâmico capitão general pombalino na capitania de São Paulo nos meados do século XVIII.

Na verdade, não foram muitos os temas que nosso homenageado abordou. Entretanto, o seu debruçar-se sobre eles, ilumina-os para muito além de seus próprios limites. A historiografia brasileira ganha, com Sérgio Buarque de Holanda, uma feição de maneira indisciplinar, abrangente, volteada, espiralada e integradora, que o torna único entre nossos historiadores.

Orgulháamo-nos dele, os alunos do curso de História, em seus últimos tempos da rua Maria Antônia! Todos nos tínhamos um sonho: sermos historiadores à sua feição e semelhança. Quando redigi minha tese, muitas vezes lembrei-me muito desta nossa vã pretensão, provavelmente, apenas fruto da desmedida admiração que tínhamos pelo notável mestre e pela inconsciência, própria dos jovens, de julgar que tudo podem...

Em Buarque de Holanda, a forma de pensar e trabalhar a história do Brasil e de acreditar no papel humanista da universidade fica - como raro privilégio para a Universidade de São Paulo - para sempre fincada na sua criação, feita a seu feitio e semelhança - o Instituto de Estudos Brasileiros. Os meus vinte anos de IEB foram, no dia-a-dia, um incessante e rico reencontro com o mestre. Ter construído e consolidado minha vida profissional e acadêmica no IEB, tenho como raro privilégio. Sérgio Buarque de Holanda, já no limite de sua gestão, já que o fundador fora o primeiro diretor do instituto, presidiu a banca do meu concurso de ingresso como pesquisadora no Setor de História do Brasil e ainda conversamos algumas vezes a respeito das minhas preferências para os estudos coloniais. Quando comecei a trabalhar já a direção estava a cargo de outro humanista de igual porte, o Professor José Aderaldo Castello. O projeto de interdisciplinaridade e, ao mesmo tempo, de integração dos estudos brasileiros na área das ciências humanas e sociais, com que fora pensado o IEB por Buarque de Holanda, teve uma bem encaminhada e exitosa continuidade.

O professor, o boêmio, o polemista, o historiador, o idealizador de um instituto agregador das humanidades na Universidade de São Paulo, está sempre presente, de alguma forma, na trajetória de seus antigos alunos e na atuação das equipes técnicas e científicas do Museu Paulista, que também dirigiu, assim como na das do IEB. Na minha trajetória acadêmica e profissional, Sérgio Buarque de Holanda significou o protótipo, O que, não obstante o seu teor de quimera, ainda assim, não deixa de ser um raro privilégio.